

*Poder eclesiástico, idéias progressistas e estratégias para a
emergência das comunidades eclesiais de base na
Arquidiocese de Mariana*

Fabício Roberto Costa Oliveira¹

Resumo

Este estudo analisa as ações de grupos progressistas da Arquidiocese de Mariana durante o arcebispado conservador de Dom Oscar de Oliveira (1959 – 1988), bem como o processo de transformação da Arquidiocese de Mariana durante os anos de 1990. Esta transformação foi influenciada não apenas pela chegada de Dom Luciano Mendes de Almeida como novo arcebispo, em 1988, mas também pelas idéias e atividades de um número de católicos leigos e padres. A chegada de Dom Luciano consolidou um espaço institucional para uma pré-existente rede sócio-política engajada com idéias do Movimento da Boa Nova e da Diocese de Caratinga para transformar a Arquidiocese de Mariana em uma Instituição mais progressista em idéias e práticas religiosas. A história oral e a análise documental deram subsídios de informações que nos permitiram diversificados pontos de vistas, corroborações e inferências.

Palavras-chave

Grupos Católicos – Idéias Progressistas – MOBON

Abstract

This study analyzes the actions of ideologically progressive groups within the Archdiocese of the Mariana during the administration of conservative Archbishop Dom Oscar de Oliveira (1959-1988), as well as the process of transformation of a progressive character within the Archdiocese during the 1990s. These transformation were influenced no only by the arrival of Dom Luciano de Almeida as new Archbishop of Mariana, in 1988, but also by ideas and activities of a number of Catholic lay groups and priests. The arrival and administration of Archbishop Dom Luciano provided the political opportunity and institutional space wich enable these preexisting socio-political and ideological networks, articulated with the ideas and action of the Movement of New Social Order (MOBON) and Diocese of the Caratinga, to transform the Archdiocese of Mariana into an instituiton with more progressive ideas and practices. Oral history and the analysis of documents provided diversified sources of information and points of view, permitng corroboration and inferences.

Keywords

Catholic Groups - Progressive Ideas - MOBON

Introdução

Na América Latina, bem como no Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base² (CEBS) significaram uma nova forma de sociabilidade. Em muitos desses grupos religiosos iniciou-se uma caminhada para a tomada de consciência social e política através de discussões e debates com embasamento na Bíblia sob o viés da Teologia da Libertação³. Muitas vezes, a atuação destes grupos católicos redundou em manifestações políticas através de movimentos sociais, organizações comunitárias, sindicatos e outras formas de organização social⁴.

Dessa maneira, surgiram novos mecanismos de inserção de grupos católicos em seus problemas sociais, à medida que nas CEBS os cristãos católicos, muitas vezes chamados progressistas⁵, discutiam suas questões sociais à luz da bíblia, normalmente com uma visão crítica, analisando a situação social vigente como injusta e procurando soluções para suas dificuldades.

As CEBS iniciaram sua trajetória de atuação na década de 1960, período marcado por intensos movimentos de massa em toda a América Latina. No Brasil, foram nos anos da Ditadura Militar (1964-1985), principalmente no período do processo de redemocratização, que se espalharam estas pequenas comunidades, politicamente atuantes em diversos movimentos sociais. Não há dúvida no que diz respeito à grande influência da Teologia da Libertação e das CEBS na história da Igreja Católica no Brasil. Neste sentido, podemos dizer que iniciou-se um novo “capítulo” na história do catolicismo latino-americano, pois surgira uma nova forma de sociabilidade e reflexão religiosa entre os fiéis católicos progressistas⁶.

Nessa perspectiva, as CEBS e a Teologia da Libertação significaram uma nova forma de se pensar a religião e foi ao encontro de um processo de ruptura com a longa tradição conservadora da Igreja Católica. Muitos foram os católicos tradicionais que encontraram dificuldades em compreender ou aceitar o estilo e a mensagem da nova forma de atuação da Igreja. Por isso, surgiram tensões entre os grupos tradicionais e os progressistas, particularmente na década de 1960, no início da década de 1970 e novamente após 1980 (MAINWARING, 1989).

Neste sentido, no início da década de 1980 há uma tentativa do Vaticano de frear esta atuação política católica. A carta apostólica endereçada aos bispos brasileiros em dezembro de 1980 dizia: “a Igreja não deve se envolver em questões sociais em detrimento de sua missão especificamente religiosa” (Higuet (1984) *apud* PRANDI ; SOUZA, 1996:62). De acordo com Prandi e Souza (1996), o Papa “se mostrava bastante alinhado às tendências carismáticas e bem distantes da opção pelos pobres da Teologia da Libertação” (PRANDI; SOUZA 1996: 62-63).

O apoio do Papa, bem como a atuação dos grupos conservadores católicos, começou a atrapalhar os passos de grupos ligados a “ala progressista” da Igreja Católica, tendo em vista que seminários foram vigiados, teólogos foram censurados, bispos progressistas foram substituídos por conservadores, etc. (PRANDI; SOUZA, 1996). Nesta mesma perspectiva, Smith (1991) afirmou que a

"Teologia da Libertação experimentou uma significativa redução de oportunidade política dentro da Igreja Católica, uma vez que Roma buscou eliminar o suporte institucional da Teologia da Libertação. O Papa João Paulo II provou ser mais conservador que seus principais antecessores, João XXIII e Paulo VI (Novac 1986: 65-74) (...) Desde Puebla, houveram ações tomadas pelo Vaticano para reduzir e, em alguns casos, combater a influência da Teologia da Libertação na América Latina" (SMITH, 1991: 222).

Neste texto, temos como objetivo colocar em debate, embasado no estudo da perspectiva religiosa da Arquidiocese de Mariana⁸, que nem todas as dioceses/arquidioceses acompanharam as propostas de prática e estilos religiosos fundamentados pelo Vaticano, nem pelos seus bispos e arcebispos (pensando em esfera regional). No caso de nosso objeto de estudo, a Arquidiocese de Mariana, não se pode perder de vista que os leigos bem como padres com idéias religiosas diferenciadas da alta elite⁹ eclesiástica arquidiocesana buscaram mensagens religiosas e/ou práticas religiosas da vizinha Diocese de Caratinga¹⁰.

Diante deste cenário, em que se pode verificar uma ampla participação regional na caracterização religiosa Institucional, pode-se dizer que as características religiosas são condicionadas pela região, pelo público religioso, pela elite eclesiástica, pelas condições de vida, pela história regional, etc. Assim, fica evidente a idéia de que há uma relação dinâmica e de troca recíproca entre os interesses religiosos do arcebispado, dos padres e dos leigos.

Para aprofundarmos nesse tema, trataremos da história das CEBS na Arquidiocese de Mariana que apresenta características interessantes no que diz respeito à relação entre os interesses religiosos de seus atores sociais (desde a alta hierarquia religiosa, até grupos católicos leigos). No decorrer da pesquisa conjugamos a análise documental e os relatos orais, partindo da premissa que ambos poderiam nos trazer informações relevantes que não encontraríamos em só uma das fontes. Os documentos analisados são basicamente os jornais oficiais da Arquidiocese de Mariana, quais sejam: o jornal *O Arquidiocesano* e *O Pastoral*. Já os relatos orais

foram obtidos nas diversas entrevistas que realizamos com padres e leigos da Arquidiocese.

A análise documental¹¹ foi de grande importância, pois a partir desta estivemos mais subsidiados para compreender as transformações na postura institucional da Arquidiocese de Mariana, o posicionamento dela frente às questões políticas e principalmente em relação às CEBS. E utilizando da história oral, entrevistamos¹² alguns padres, o arcebispo e agentes pastoraes¹³ da Arquidiocese de Mariana que têm acompanhado as transformações que vêm ocorrendo nesta Instituição no que diz respeito à sua postura frente aos setores progressista.

Começamos as entrevistas com dois padres da Arquidiocese que já conhecíamos em Mariana e estes acabaram por indicar outros que acabaram também por indicar leigos, que também seriam importantes entrevistar. O objetivo foi formar um grupo a partir de cada entrevista realizada; essa perspectiva possibilitava que cada entrevistado indicasse outros que pudessem trazer informações importantes à pesquisa.

Pessoas indicadas foram procuradas e esclarecidas sobre os objetivos das pesquisas, da gravação das entrevistas, do tempo necessário, etc. Depois de tomadas estas providências, marcávamos os encontros para a realização das entrevistas num lugar onde os entrevistados se sentissem à vontade para falar do tema proposto e pudessem relatar os conhecimentos que possuíam a respeito do tema de pesquisa em pauta, ou seja, a trajetória das CEBS na Arquidiocese de Mariana. Com os dados em mãos, partimos para a análise das entrevistas, dos documentos e do caderno de campo, buscando convergências e divergências entre os dados na perspectiva de enriquecimento da pesquisa.

Neste artigo vamos expor: na primeira parte, a caracterização e a definição das CEBS, na segunda nos dedicaremos à influência da Diocese de Caratinga para a emergência das CEBS na Arquidiocese de Mariana, depois demonstraremos o papel do MOBON para a emergência de idéias progressistas na Arquidiocese de Mariana e na última parte faremos as considerações finais do trabalho.

Definição e caracterização das comunidades eclesiais de base

Michael Löwy (1995) define as comunidades de base como “um pequeno grupo de vizinhos que pertencem a um mesmo bairro popular, favela, vila, ou zona rural, e que se reúnem regularmente para ler a Bíblia e discuti-la à luz da experiência de vida” (p.46). Já Krischke (1986) dá uma definição mais detalhada, afirmando que “estas comunidades de Cristãos mobilizam mais de 2 milhões de pessoas, cada uma delas traz juntas entre

15 e 25 pessoas que debatem regularmente (semanalmente ou quinzenalmente) os problemas da vida à luz da Bíblia”¹⁴(p.186). Já Barraglia (1974) as definiu como

"um grupo de pessoas que livremente se escolheram, se reúnem para aprofundar seus conhecimentos do Evangelho que é o próprio Cristo; refletem e discutem suas necessidades e as necessidades dos outros, procurando soluções adequadas; celebram juntos, na Eucaristia, suas vitórias e derrotas; e por fim, procuram irradiar, difundir a mensagem que, para ele, é vida". (p.53-54 apud ALMEIDA 2000:87)

As diferentes definições de CEBS são mais do que uma simples diferença de enfoque, são mais o reflexo da diversidade das pequenas comunidades no que diz respeito ao número de membros, à relação dos grupos com as lideranças religiosas, à escolaridade dos participantes, aos temas de discussão, etc. Essas diferenças ocorrem de acordo com problemáticas regionais, familiares e principalmente comunitárias.

As CEBS se inserem no contexto de transformações na Igreja Católica que se tornaram mais nítidas a partir do Concílio Vaticano II¹⁵ (outubro de 1962 a dezembro de 1965). De acordo com Berryman (1987:20 apud SMITH, 1991:123) este

"encorajou pessoas a entrar em diálogo com 'o mundo'. Otimista-mente o mundo visto da Europa parecia ser um mundo de correnteza de mudança tecnológica e social. Um Terceiro ângulo Mundial de visão, porém, revelou um mundo de pobreza vasta e opressão que pareciam pedir revolução" (1987:20 apud SMITH, 1991:123)¹⁶

Este é um ponto relevante, uma vez que a Igreja Católica, antes tida como uma das instituições que sustentavam o conservadorismo e historicamente esteve ligada aos interesses das classes dominantes, tornou-se uma das grandes referências para os movimentos sociais, pois, na década de 1970, embora tivesse oficialmente aderido ao regime militar, acabou atravessando o período como uma das poucas, se não a única instituição da sociedade civil capaz de um esforço organizado de oposição (MONTEIRO, 1999).

Esse diálogo com os movimentos sociais levou boa parte da Igreja Católica a rever muitas práticas que tinham conduzido a Instituição até o momento. E a inserção cada vez mais proeminente nos movimentos sociais de orientação popular acabou levando cientistas sociais a reverem muitas

concepções que até o momento se impunham como paradigmáticas, como o papel social alienante da religião.

Segundo Monteiro (1999), grande parte dos trabalhos intelectuais do período de 1970 e meados de 1980 concentrou seus esforços no posicionamento a favor ou contra a Igreja Católica. Em geral, os intelectuais católicos atribuem à Instituição boa parte dos ganhos dos movimentos populares, ao passo que muitas análises a encaram como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento de organizações populares mais robustas.

Gaiger (1987) relativiza esta questão afirmando que se num primeiro momento a intervenção dos agentes contribuiu para despertar a consciência de grupos de pessoas, ela pode agir a médio e longo prazo como freio dessa mesma consciência. Mas o fato é que a Teologia da Libertação e as CEBS tiveram grande envolvimento em movimentos sociais¹⁷.

A organização dos leigos, as reflexões acerca do cotidiano e dos problemas diários tendo como referência a Bíblia, além do apoio de padres e bispos para a mobilização popular, acabaram gerando e/ou apoiando vários movimentos sociais por todo o país, seja no meio urbano ou rural. Contudo, não podemos deixar de considerar que as CEBS não atuaram no Brasil de uma forma homogênea, no que diz respeito ao seu envolvimento nas causas sociais e políticas em voga.

Em algumas regiões do Brasil, as CEBS tiveram grande influência, como por exemplo São Paulo (SP), Ipatinga (MG) e em muitas regiões do Nordeste. Já na Arquidiocese de Mariana (MG) a presença delas foi limitada. Estes exemplos são um reflexo da própria heterogeneidade católica, pois as CEBS e a Teologia da Libertação nunca foram unanimidades no catolicismo.

Assim, há uma diversidade enorme no que se refere à relação de dioceses/arquidioceses com a Teologia da Libertação. Na Arquidiocese de Mariana, por exemplo, durante as décadas de 1970 e 1980, quando as CEBS se espalhavam por todo o Brasil, elas encontraram empecilhos para o pleno desenvolvimento na Arquidiocese de Mariana-MG. Já na década de 1990, momento de auge da Renovação Carismática, os progressistas encontram maior espaço de atuação. As explicações para tais fatos é um dos temas que será tratado nos próximos tópicos.

Os Arcebispos de Mariana e a Teologia da Libertação

D. Oscar de Oliveira foi arcebispo de Mariana entre os anos de 1959 e 1988. Durante este período que perpassa a ditadura militar brasileira (1964-1985), a emergência da Teologia da Libertação e a efervescência das CEBS não ocorreram de maneira explícita na Arquidiocese de Mariana. O motivo disso nos remete à alta elite eclesiástica arquidiocesana, pois esta certamente tinha grande peso no que se refere à expansão e/ou crescimento das CEBS na Arquidiocese.

Diante desta questão, precisávamos compreender a relação do referido arcebispo com as CEBS, bem como com a Teologia da Libertação. Assim, estivemos diante da necessidade de procurarmos os atores sociais diretamente engajados com tais questões para nos esclarecer sobre tais assuntos. Mas também não poderíamos deixar de dar especial atenção aos jornais arquidiocesanos.

Nestes jornais sempre encontramos notícias referentes à história das CEBS na Arquidiocese de Mariana como a que se segue:

"Esta nova forma de ser Igreja foi introduzida na Arquidiocese de Mariana por volta dos anos 70. Inicialmente sofreu resistências. Porém via-se ali uma semente pronta para brotar. De maneira tímida e retraída, essa semente encontrou terrenos propícios, traduzindo uma nova forma de organização paroquial, principalmente em Araponga, Entre Rios, Jeceaba, Mercês, Paiva, Pedra Bonita, Porto Firme, Presidente Bernades, Santa Bárbara do Turgúrio e Sericita" (Ano VII, n 72 Junho de 1997. **Arquidiocese de Mariana**, pg. 7).

Esta notícia do jornal deixa evidente que as CEBS iniciaram a trajetória na Arquidiocese de Mariana na década de 1970 e se por um lado encontraram terrenos propícios em algumas cidades, por outro acabaram sofrendo resistências. A notícia no jornal deixa evidente a existência de resistências, mas não deixa claro de quem eram. Ela poderia ser da população que não estaria disposta a se reunir periodicamente para discutir a Bíblia e muito menos discuti-la a partir de suas condições sociais. Outra hipótese é a de que o clero que dirigia a Arquidiocese não tinha interesse na difusão das CEBS pelo seu território.

A hipótese de que a população não teria se adaptado a essa “nova forma de ser Igreja”, expressão que os católicos progressistas gostam de utilizar, é muito difícil de ser comprovada, porque, pelo que pudemos perceber, eram poucos os lugares em que se tentou implantar CEBS e, segundo os padres entrevistados, nestes lugares essa tentativa obteve êxito. Já a hipótese mais consistente que construímos ao longo da pesquisa, de que a resistência vinha basicamente do arcebispado, recebeu o reforço de uma notícia do jornal da Arquidiocese de 1998, em que se buscava relatar a memória das CEBS. Nesta notícia, afirma-se que

"Na memória das Comunidades Eclesiais de Base da Arquidiocese de Mariana, a hierarquia aparece como uma presença contraditória. Quando o ‘trem’ parece ter entrando nas trilhas, ‘força ocultas’ atropelam todo o processo. Padre Theóphilo se destaca como o grande

incentivador de uma Igreja popular mesmo antes de se falar em CEBS em nossa Arquidiocese. De acordo com Geraldo Botelho, em 1968 eles já começaram a formar comunidade em Porto Firme. Mas, em pouco tempo, Padre Theóphilo saiu. Até hoje não entende o porquê. Em Araponga, destaca-se a figura do Padre José Miguel. Começando com os chamados 'cursos de batismo' ele deu vida nova à Igreja local. Conseguiu, inclusive, mobilizar todo o município. Mas nesse tempo parte da Matriz caiu, com a alegação de que ele não tinha dom para arrecadar dinheiro e reconstruir templo, foi transferido para Sericita. Até hoje não entenderam os reais motivos pa remoção do padre" (O Pastoral, Ano VII, n 88, outubro de 1998, pg. 10).

Pela notícia do jornal oficial da Arquidiocese, a elite eclesiástica buscava impedir a proliferação das CEBS, mesmo que houvesse a necessidade de que padres fossem transferidos para outras paróquias, cidades e até mesmo região da Arquidiocese. Pessoas que conviveram com o padre de Porto Firme e o próprio padre José Miguel, citado acima, negaram essa divergência ferrenha das elites eclesiásticas com as CEBS. Mas não podemos perder de vista que certamente os padres tentam minimizar os conflitos internos numa situação de entrevista.

Pudemos perceber isso quando procuramos o padre Rodrigo¹⁸ e logo no início da entrevista ele disse: "o que eu posso te falar é que o Dom Oscar tinha uma grande preocupação com a parte litúrgica e via no comunismo uma grande ameaça da fé cristã". Com estes dizeres ele deixou em evidência que sua fala poderia comprometê-lo, pontuando isso claramente com a expressão "o que eu posso te dizer".

Com o padre Daniel a entrevista não caminhou de modo muito diferente. Sempre que fazíamos perguntas a respeito da atuação da Arquidiocese de Mariana durante a Ditadura Militar ele evitava o assunto. Era firme ao afirmar que a chegada de D. Luciano Mendes Almeida, que assumiu a Arquidiocese de Mariana em 1988 e tinha postura mais progressista, representava muito para a Arquidiocese e insistia em assuntos da década de 1990 e exaltava que a "Igreja somos nós", evitando críticas ao ex-arcebispo.

Quando entramos em questões que referem a relação entre a Arquidiocese e a Teologia da Libertação, ele justificou a pouca presença desta última, afirmando que essa questão "é uma coisa naturalmente entendida na história né? É uma coisa muito recente entendeu? Mas nem por isso se deixou de valorizar aquilo que existia que era a religiosidade popular, as procissões, as festas, manifestações populares." O Sr. Hécio¹⁹ indo em convergência à justificativa do Padre Daniel afirmou que no período de D. Oscar "as atitudes tomadas eram mais tradições, rezas."

O outro entrevistado, Sr. Édson²⁰, que vive na cidade de Mariana desde a década de 1950, afirmou que a população do centro de Mariana, que é tida como mais tradicional, é a que melhor se relacionava com D.Oscar. Sobre as Comunidades Eclesiais de Base ele afirmou que “Mariana não aceitou não” e disse com certo ar de desabafo, “aqui não aceitam comunidades de base. Eles gostam é de procissão e de novena”.

Apesar destas críticas, de acordo com as entrevistas realizadas, a elite eclesialística dirigente não dava apoio à criação das CEBS mas também não exercia seu poder para tentar impedi-las. Segundo o próprio padre José Miguel²¹, ele se dava bem com D. Oscar²² e que o dia que ele foi fazer uma visita à sua paróquia, ele até gostou do que tinha visto. Enfim, o fato é que não havia um empenho da elite eclesialística na criação das CEBS, mas não temos subsídios para afirmar que o arcebispado era autoritário e impediria a criação das comunidades de base, assim é mais coerente afirmar que ele tentava criar barreiras. No entanto, o objetivo que elas não se politizassem era explícito, nesse sentido, em 1970 afirmava-se que:

"Deve se entender a que as comunidades eclesiais de base se desenvolvam nestes três planos (a saber, da fé, do culto e da caridade), manifestando, de modo cada vez mais perfeito, sua natureza 'eclesial', e chegando a assumir – nas possibilidades de seu nível – todos os objetivos de ação que competem à Igreja e que o Plano Nacional de Pastoral de Conjunto quis resumir em suas seis diretrizes" (O Arquidiocesano. Ano XI. n 553. 19/04/1970. p. 4 apud SOARES 2003:65-66)

"(...) o objetivo comum visado pela Comunidade é, antes de tudo, o objetivo espiritual eclesial e depois, de acordo com ele e a ele subordinado, os objetivos temporais e materiais do homem e da família humana, qualquer que seja e como quer que se apresente" (O Arquidiocesano. Ano XI. n 553. 19/04/1970. p. 4 apud SOARES 2003: 66)

Levando-se em conta estes relatos, percebe-se que, na visão da Arquidiocese, o papel espiritual era o de maior importância numa CEB, estando todos os outros fatores subordinados às questões espirituais. Nas CEBS, segundo a Igreja Católica, o papel espiritual é também relevante, mas o que chama a atenção é o fato do jornal oficial da Arquidiocese ficar enfatizando o objetivo espiritual em detrimento das questões temporais. Assim, na visão da Arquidiocese, o papel da Igreja Católica seria o de “fornecer” um conforto

espiritual e não metas para reflexão das condições sociais, econômicas, etc. Dessa forma, não se pode falar de uma proibição à existência de CEBS, a principal preocupação era de que estas não saíssem das questões eclesiais para se preocuparem com questões sócio-políticas.

Os relatos dos jornais e as falas dos entrevistados são convergentes à medida que todos falam das dificuldades das CEBS para se fazerem presentes na Arquidiocese no período em que Dom Oscar era arcebispo da Instituição (1960-1988). Interessante também era o fato de que os relatos dos jornais do período de Dom Oscar enfatizavam os cuidados que se deveria ter com as CEBS, no sentido de não as politizarem demasiadamente e não se deixar levar pelas questões mundanas e esquecer o lado espiritual. Segundo o padre José Miguel as maiores dificuldades de expansão das CEBS foram encontradas com o clero, porque os leigos são mais maleáveis e “mais pé no chão”.

Nesta perspectiva, o arcebispado defende que “a missão própria que Cristo confiou à sua Igreja não é de ordem política, econômica ou social. A finalidade que Cristo lhe prefixou é de ordem religiosa” (O **Arquidiocesano**. Ano XI, nº 553. 19/04/1970. p.3 apud SOARES, 2003:74). Os espaços de notícias das CEBS na Arquidiocese aumentaram com a chegada de Dom Luciano, assim como as mensagens a respeito delas.

Afirmações de que a Arquidiocese era mais tradicional e que tem havido melhoramentos para uma maior proliferação de CEBS com a chegada de Dom Luciano (que está na Arquidiocese de Mariana de 1988 aos dias atuais) foi constante nos depoimentos, a maioria deles caminhou no mesmo sentido dos depoimentos do padre Daniel que afirma que

"O que a gente percebe é que há uma mudança na Arquidiocese de Mariana, sobretudo a partir da chegada de Dom Luciano, às vezes algumas questões que estavam mais abafadas, mais surdas, elas vão eclodir, e a forma como ele organizou a Diocese, essa tradição de assembleias pastorais, de encontro de presbíteros, não só os retiros, mas os encontros anuais, os presbítero, discutir a Bíblia, os ministérios, questões pastorais, abriu mais o debate. A própria linha do jornal Pastoral, que sucedeu ao jornal Arquidiocesano mostra claramente uma perspectiva diferente, um foco diferente. Na realidade, o fato é outro, é uma Diocese mais aberta, digamos, assim, aquilo que é a caminhada da Igreja no Brasil, sobretudo da CNBB, e um engajamento maior nos movimentos sociais numa perspectiva mais crítica."

A importância de um bispo numa diocese ou arquidiocese é um fator de grande relevância para este trabalho, na medida em que estudamos uma Instituição religiosa que tinha um arcebispado tido como um dos grandes nomes do conservadorismo da Igreja brasileira, D. Oscar de Oliveira, sendo

substituído por Dom Luciano Mendes de Almeida²³, que era um dos grandes nomes da Igreja Progressista da década de 1980.

A chegada de Dom Luciano à Arquidiocese de Mariana tinha um grande significado para a população local, principalmente para os progressistas que já estavam articulados na mobilização social para a promoção de idéias religiosas mais engajadas com as questões sociais e estavam ávidos de uma direção arquidiocesana que lhes dessem maiores condições de atuação.

Essas condições emergiram, tanto que as notícias dos jornais lançados por Dom Luciano, na década de 1990, iam no sentido de promover as CEBS para que estas pudessem aumentar em número e em qualidade em toda a Arquidiocese, notícias diferentes dos jornais da década de 1970 e meados da década de 1980 em que a preocupação era que as CEBS se politizassem, que se confundissem a fé com a política, o papel da Igreja Católica, etc.

Diversas reuniões e convocações da população para participação aconteceram. O jornal, *O Pastoral*, de agosto de 2004 reflete bem esta preocupação. Logo na primeira página vem o título, *Espiritualidade Libertadora*, e logo abaixo vem uma mensagem afirmando que as CEBS “continuam se mobilizando para garantir um jeito popular de ser Igreja, sustentando a mística da participação e Comunhão Eclesial que brota da palavra de Deus e da Eucaristia” (Jornal Pastoral, agosto de 2004, Ano XIV, número 158).

Na segunda parte do jornal, afirma-se que muitos pensam que a vez das Comunidades Eclesiais de Base já passou e até mesmo acreditam na morte da Teologia da Libertação e “entendem que o momento é dos movimentos espiritualistas de cunho pentecostal ou neopentecostal como a Renovação Carismática Católica, por exemplo” (Jornal Pastoral, agosto de 2004, Ano XIV, número 158).

O editorial do jornal afirma que estes pensamentos em parte são verdadeiros, mas que em meio a tudo isso

"É bom saber que Mariana, a primaz das Minas Gerais, acredita nesta Igreja que se faz pobre para libertador pobre. Em meio a tanta espiritualidade alienada e alienantes, consola saber que nas CEB's a espiritualidade é libertadora porque leva o compromisso com os excluídos, prova inequívoca do seguimento de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida" (Jornal Pastoral, agosto de 2004, Ano XIV, n 158).

No mesmo jornal Dom Luciano afirma que

"Dar auxílio a uma pessoa necessitada é sempre prova de amor fraterno. Temos, no entanto, que pedir a Deus que ilumine nossa

responsabilidade política. Mais forte é a caridade de quem se empenha para elaborar e aperfeiçoar as leis do país de modo a assegurar decisões políticas adequadas, capazes de saciar as multidões de famintos e mendigos, de sem-terra e sem casa, dos que não tem trabalho nem assistência médica" (Jornal Pastoral, agosto de 2004, Ano XIV, n 158).

Desta forma, Dom Luciano deixa claro que a melhor maneira de ajudar os pobres não é fazer uma caridade, dando um alimento ou uma moeda aos mendigos pelas ruas, que aliás podem ser vistos em bom número pelas cidades da Arquidiocese. Dessa forma, acredita que a melhor maneira de resolver os problemas do país é realizar políticas públicas adequadas à situação encontrada no país, e a função de cobrar essas políticas públicas na década de 1980 coube aos membros das CEBS.

Nesta perspectiva, para a difusão das CEBS na Arquidiocese de Mariana, foi de grande importância a atuação e a troca dos arcebispos. Neste sentido, em geral, os entrevistados faziam comparações entre os arcebispos e todos são convergentes com a afirmativa de que D. Oscar não tinha interesse de divulgar a Teologia da Libertação.

Já a concepção a respeito de Dom Luciano Mendes de Almeida é bem diferente; o padre Rodrigo, que foi muito cauteloso ao falar sobre D. Oscar afirmou que os grupos pastorais têm crescido ultimamente e que “a vinda de D. Luciano facilitou tudo isso, porque ele é de um centro que é São Paulo, e ele foi secretário geral da CNBB e isso favoreceu o que já estava acontecendo em Mariana, assim cresce o compromisso com as pastorais”.

Quando perguntamos a ele se a população não era a maior responsável pela existência tímida da Teologia da Libertação, ele respondeu que

"essa era muito também a orientação do D. Oscar, já com o Dom Luciano houve crescimento das pastorais e toda uma nova leitura, não que ela não chegasse antes, mas ela chegava mais fácil. Passaram a existir assembleias paroquiais, assembleias regionais, houve toda uma participação maior. Através da Bíblia faz-se uma ligação desta com a vida, o jornal O Pastoral tem esta idéia."

Assim, o padre procura deixar claro que a chegada de D. Luciano deu ânimo novo à Teologia da Libertação na Arquidiocese. O padre Daniel afirmou que após a chegada de D. Luciano em 1988 “a cidade está inserida neste projeto novo, tanto da arquidiocese, das assembleias, quanto da CNBB que são os planos pastorais maiores” e disse que “foi a partir do final dos anos 80 que a

Cidade entrou dentro de um ganho pastoral maior e com certeza a chegada do Dom Luciano é o grande marco da Cidade e da Arquidiocese como um todo”.

O mesmo padre reconheceu a atuação tímida da Arquidiocese durante a ditadura militar e afirmou que “se fosse hoje seria diferente, a Arquidiocese pra você ter uma idéia, num plebiscito contra a Alca e contra dívida externa, a participação da Arquidiocese foi a maior de Minas em termos, assim, proporcionais, se tem idéia como é diferente”. Essa afirmação da diferença no catolicismo de Mariana se refere à atuação da Igreja Católica atualmente e em outros tempos.

O Sr. Édson afirmou que quando D.Oscar era arcebispo “não tinha comunidade não, não tinha padre, agora tem, é o D. Luciano, ele é mais progressista, veio de São Paulo, lugar mais desenvolvido”. E afirmou que “além de bispo ele tem muitas funções, ele é um bispo dos pobres” e que ele é “um pouco assim político, mas ele é político assim né, no sentido de defender o direito do povo e eles achavam que tinha mandado ele pra cá por causa disso pra podá ele né.”

Ele acredita que D. Luciano foi transferido para Mariana para perder um pouco do destaque nacional e poder que tinha em São Paulo, e acredita que as transformações do catolicismo em Mariana ocorreram em função da chegada de D. Luciano:

“o padre assim é o padre, igual, eu não sei se você sabe e o padre pega a orientação do bispo e o bispo pega a orientação do papa, né, e eles não fazem nada sem a cúpula da igreja, então o Dom Luciano fez a reunião com os padres e aí ele fez a mudança. E o que que ele fez? Colocou os padres jovens na frente das paróquias, justamente pra fazer as mudanças. E essas mudanças causaram algum problema, mas respeitaram o povo aí e aí hoje a coisa lá vai caminhando.”

Segundo os relatos apresentados percebe-se que as pessoas entrevistadas têm a visão de que D. Oscar dava maior apoio a ritos e a uma religião de mais celebrações e acreditam que D. Luciano foi responsável pelas várias transformações que a Arquidiocese tem passado, no sentido de ter uma relação de maior proximidade com a Teologia da Libertação e com as CEBS. Não obstante, o poder dos bispos e arcebispos, que segundo Novaes (2002) foram vitais para a disseminação da Teologia da Libertação, leigos e padres foram os grandes responsáveis pela emergência de tais idéias religiosas progressistas. Neste sentido, a proximidade com a Diocese de Caratinga foi de fundamental importância para a Arquidiocese de Mariana.

A influência progressista da Diocese de Caratinga na Arquidiocese de Mariana

No início da década de 1960, aconteceu o Concílio Vaticano II (1962-1965) que se consolidou como um evento de grande importância para a emergência de idéias associadas à Igreja Progressista, associadas à Teologia da Libertação. Segundo Scherer-Warren (1996), a Teologia da Libertação

"nasce e se desenvolve enquanto expressão de problemas da realidade social latino-americana, no desejo de transcendê-la através da criação de uma sociedade mais justa e igualitária. Trata-se do encaminhamento de uma nova visão para o papel da Igreja, da prática cristã e do pensar teológico, até então apoiado numa teologia feita a partir da realidade exógena européia" (p.32-33)

Diferenças de definições e enfoque à parte, no que se refere à Teologia da Libertação, o certo é que os grupos religiosos progressistas²⁴ engajados em transformações sociais utilizaram idéias da Teologia da Libertação na legitimação de diversas mobilizações sociais em oposição às diversas ditaduras por toda a América Latina. Para que as idéias da Teologia da Libertação se difundissem foram criadas as CEBS.

Na Arquidiocese de Mariana, durante a ditadura militar, não existiam CEBS de forma generalizada em toda a sua extensão territorial, "mesmo porque a Arquidiocese como um todo não havia feito sua opção pelas CEBS" (O Pastoral, Agosto de 1995, ano V, nº 50). Apesar disso, em fins da década de 1960, um grupo de católicos de dentro da Arquidiocese e fora dela, se organizaram na mobilização de pessoas para a promoção de idéias religiosas progressistas.

Entrevistamos várias destas pessoas que participaram do processo de expansão do número de CEBS, e nas entrevistas percebemos a amizade entre elas, pois procuram sempre citar uns aos outros e narrar como se conheciam, como se articulavam, como foram os contatos, como eram as viagens em busca da divulgação de idéias progressistas, etc. Os roteiros de discussão para as CEBS, a produção do material utilizado e as pessoas que as incentivam vinham geralmente da Diocese de Caratinga. Segundo o padre José Miguel, na Arquidiocese de Mariana não tinham CEBS e que elas começaram a entrar na Arquidiocese por volta de 1975 sob influência da Diocese de Caratinga. Ele narra seu trabalho de mobilização e a importância de seu contato com a Diocese de Caratinga para a promoção das CEBS:

"Aí a Diocese de Mariana divide com a Diocese de Caratinga e a gente vendo a beleza da diocese de Caratinga, por que eu visitava Divino, e faz divisa com Pedra Bonita, Santa Margarida, dividindo

com Pedra Bonita, a gente olhando vendo as coisas, sobretudo Divino, que Santa Margarida na ocasião era um Padre Holandês, ele não olhava muito pra esse lado de CEBS não. Mas Divino era maravilha lá. E visitando lá a convite a padre e também celebrando cá, a gente vendo a atitude dos leigos, aí resolvi, conforme se diz né, 'deixa a abóbora passar debaixo da cerca', não é. Assim nós começamos também, Pedra Bonita, Sericita, São Domingos, Ribeirão São Domingos e as coisas foram crescendo sabe?"

A expressão utilizada para falar da “infiltração” das CEBS, “deixa a abóbora passar debaixo da cerca” é marcante no depoimento ao revelar a importância da proximidade da Arquidiocese de Mariana com a Diocese de Caratinga. Pois o contato com uma diocese que seria engajada com a criação de CEBS, que produzia materiais para esses grupos e contava com padres e uma população engajada, se mostrava importante para os padres da Arquidiocese de Mariana que se interessavam por estas idéias, uma vez que não contavam com o aval da Instituição para as mesmas posturas na Arquidiocese.

O contato com grupos progressistas da Diocese de Caratinga facilitava a criação de CEBS na Arquidiocese de Mariana, o que, segundo os entrevistados, amadurecia a idéia da necessidade de maior envolvimento da religião nas questões sociais. Dentro deste contexto, o padre José Miguel afirma que conseguiu ganhar uma Kombi zero quilometro para a evangelização

"por causa das CEBS, levando curso buscando cursos. Dom Cavati, muitas vezes nós fomos lá e no intercâmbio no meio da paróquia também, rodando levando líderes, participamos de muitos cursos na Diocese também utilizando desse veículo, então foi uma beleza, né."

Fato interessante da pesquisa foi ter percebido que, apesar do arcebispo não ter se empenhado na promoção de CEBS, ele não impedia os padres de as promoverem, desde que isso não trouxesse consequências negativas²⁵ para a Arquidiocese, como por exemplo, aquilo que o arcebispo entendia por “politização excessiva”. Somando-se a grande atuação dos católicos progressistas contra a ditadura militar no Brasil, o Concílio Vaticano II, o contato com a Diocese de Caratinga e a existência de um grupo de padres e leigos que objetivavam a veiculação de idéias religiosas progressistas na região acabava se formando uma situação política favorável à mobilização progressista interna à Arquidiocese.

O padre Douglas se refere às CEBS da Arquidiocese como sendo “não tão politizadas”. Mas, de qualquer forma, era algo significativo, pois era a emergência de novas idéias e práticas religiosas, as quais, muitas vezes, não eram bem vistas pelo arcebispo. Segundo Padre Arnaldo²⁶

"Havia até uma coisa interessante na época porque a Diocese de Caratinga e a de Itabira eram bem mal vistas pela Arquidiocese e a gente acabava incorporando aquilo de que a nossa Diocese era melhor. Como se a nossa Diocese é que era a mãe certa porque elas desmembraram de cá. Como se fosse assim a saída das filhas rebeldes, mais aí nós fomos entendendo que lá, as pessoas participavam muito mais, e elas vieram entrando por ali, na região de Sericita."

Este é um depoimento ilustrativo de como alguns padres e grupos de religiosos da Arquidiocese pensavam a respeito das dioceses engajadas com a criação de CEBs e como, a partir do contato com a diocese vizinha, muitos religiosos começavam a perceber os benefícios que a criação das Comunidades de Base poderia trazer para a Arquidiocese. Nesse intuito, integrantes do MOBON (Movimento da Boa Nova), de cunho progressista, eram convidados para ministrar cursos na Arquidiocese de Mariana.

Segundo um dos fundadores do MOBON e atualmente presidente do Movimento, o objetivo do trabalho que realizavam era levar os leigos à reflexão e dar a eles liberdade para falarem de suas realidades, idéias com bastante afinidade com a Teologia da Libertação. Nesse sentido o jornal **O Pastoral** afirma que:

"A vizinha Diocese de Caratinga é que inspirou as CEBs na Arquidiocese de Mariana. Em 1980, por exemplo, Monsenhor Raul de Caratinga, esteve em Entre Rios para falar sobre a organização das CEBs. Durante muito tempo, usou-se o Roteiro para grupos produzidos pela equipe de Caratinga. Vários líderes das CEBs participaram do MOBON (Movimento da Boa Nova) de Caratinga e também dos cursos de Páscoa e Natal, organizadas pela diocese de Caratinga. Desde que se implantaram em algumas paróquias passaram a ter encontros anuais, a partir de 1982. A finalidade destes encontros eram avaliar a caminhada e propor novas metas" (Ano VI, n 67. ; janeiro 97/ Arquidiocese de Mariana)

Dessa forma é consistente o argumento de que a Arquidiocese sofreu influência de idéias religiosas progressistas externas ao seu espaço geográfico, tendo em vista o contato com a vizinha Diocese de Caratinga, que também tinha o MOBON em seu território e que acaba por exercer influência na Arquidiocese de Mariana.

O MOBON na Arquidiocese de Mariana

Segundo Alípio, o MOBON exerceu grande influência na criação de grupos de reflexão, na Diocese de Caratinga e muitos outros lugares, porque as pessoas iam lá e ficavam entusiasmadas com as discussões e as conclusões tiradas nas plenárias²⁷ e queriam fazer aquilo na comunidade de origem. Este movimento acabou chegando ao território da Arquidiocese de Mariana.

A atuação na Arquidiocese se deu na região antes da década de 1980, mas é difícil precisar as visitas e o trabalho dos integrantes do movimento antes deste período, pois nem eles mesmos sabem precisar quando faziam visitas na região e os lugares onde eles visitavam. Mas, de 1979 em diante, dá para se ter uma noção maior da influência do MOBON na região da Arquidiocese de Mariana, tendo em vista que este Movimento inaugurou uma casa de cursos em Dom Cavati, na região leste de Minas Gerais e recebia visita freqüente de pessoas da Arquidiocese.

De 1979 a 1987 viajaram mais ou menos oitocentas pessoas a Dom Cavati. Uma pessoa da Arquidiocese que exerceu influência para trazer as idéias do MOBON para a Arquidiocese, cujo nome foi encontrado entre os principais participantes dos cursos é o do Carlindo²⁸. Ele afirma ter conhecido o trabalho do MOBON ao viajar para as cidades de Caratinga e Inhapim, onde tem parentes católicos, e lá percebeu a discussão das pessoas e os comentários sobre a casa de cursos de Dom Cavati.

No início da década de 1980, ele resolveu fazer uma visita à casa de cursos e foi conversar com as pessoas que estavam lá, sobre a carência de trabalhos de reflexão na Arquidiocese de Mariana, que no meio rural não existia nenhum trabalho de base e que a única opção que as pessoas estavam tendo era ir à missa e isso quando tinha padre na paróquia. Ele afirma que sentia falta de um trabalho fora da missa, onde as pessoas pudessem discutir temas e se sentirem úteis à Igreja.

Diante disso, foi conhecer o MOBON, foi convidado a participar de um dos cursos e nunca mais deixou de freqüentar a Casa. Fez todos os cursos e há mais de vinte anos visita a Casa com freqüência, e lembra com muito saudosismo dos padres que trabalhavam junto com ele na difusão das idéias do MOBON.

Além de participar dos cursos, Carlindo reunia pessoas e procurava ministrar os cursos em diversos lugares como Paula Cândido, Jequeri, Viçosa, Porto Firme e diversas outras pequenas localidades da região da Zona da Mata. Trazia livros para padres e lideranças leigas e convenceu um grande número de católicos a participarem dos cursos em Dom Cavati. Também convidava pessoas do MOBON e simpatizantes das idéias do Movimento para ministrarem os cursos em regiões da Arquidiocese. Entrevistamos alguns

deles que compartilham o vínculo às idéias progressistas e a consciência de que uma nova forma de religiosidade era possível e viável.

Segundo Carlindo, muitos leigos aderiam ao trabalho do MOBON e alguns padres acabam se convencendo de que o trabalho era benéfico para a paróquia. Uma questão interessante, colocada por ele, é que “o trabalho de leigo não tem fronteiras”, o problema de hierarquia e de ordem era mais uma questão ligada aos padres. Sobre isso ele afirmou que chega em qualquer lugar e procura ter uma boa relação com os padres, mas se não tiver, vai começando aos poucos com alguns leigos, vai criando neles um sentimento de que o catolicismo de que praticam pode ser diferente, etc.

Sobre esta religiosidade diferente pensada pelo MOBON, Carlindo afirma que:

"O cristão do MOBON, que o MOBON idealizou foi o cristão que sempre sabe dizer porque, quando, que horas, é ele que diz, não é porque ele leu, ou porque alguém passou pra ele essas ordens, escritas. Mas ele é que vai saber que horas, quando, porque, porque ele vai fazer a mudança de vida dele, porque que ele agora é uma coisa e antes ele era outras, quer dizer, é ele que sabe, não é ninguém que diz pra ele. Então, a formação teológica que nós recebemos do MOBON foi uma formação crítica, uma formação aberta, que você tem toda uma orientação, que você tem todo o subsídio, mas quem diz a hora, como e quando é você. Você que é (...). E você realmente tem que por sua cabeça pra pensar. O MOBON às vezes, as pessoas às vezes quando iniciam numa comunidade, duzentas, trezentas pessoas e tal, quando a gente vai trabalhando com a metodologia do MOBON, daí a pouco você tem lá, trinta, quarenta pessoas e ficam aquelas pessoas que realmente topam pensar porque se não pensar não servem pro MOBON, não tem como, o trabalho de reflexão do MOBON, que é o MOBON, o anúncio da Boa Nova, que visa formar as pessoas pra pensar. Inclusive formar pessoas que realmente pra ser cabeça, pra saber como, e não ser aquelas pessoas que tem que ser mandadas, aquelas pessoas que vão puxar o carro, e não aquelas pessoas que vão simplesmente, vamos dizer assim, que vai pro litúrgico."

O MOBON fazia seu trabalho na Arquidiocese com o apoio daqueles que acreditavam na viabilidade de constituição de um grupo de cristãos críticos diante da realidade em que se encontravam. Queriam formar cristãos que soubessem argumentar e discutir. Alguns padres, o Carlindo

e o presidente do MOBON afirmaram que em qualquer lugar que se chegue para trabalhar e comece a conversar com as pessoas, rapidamente pode-se perceber que ali há trabalho do MOBON, porque as pessoas não serão inibidas e muito provavelmente se interessarão por argumentar e entrar em diálogo.

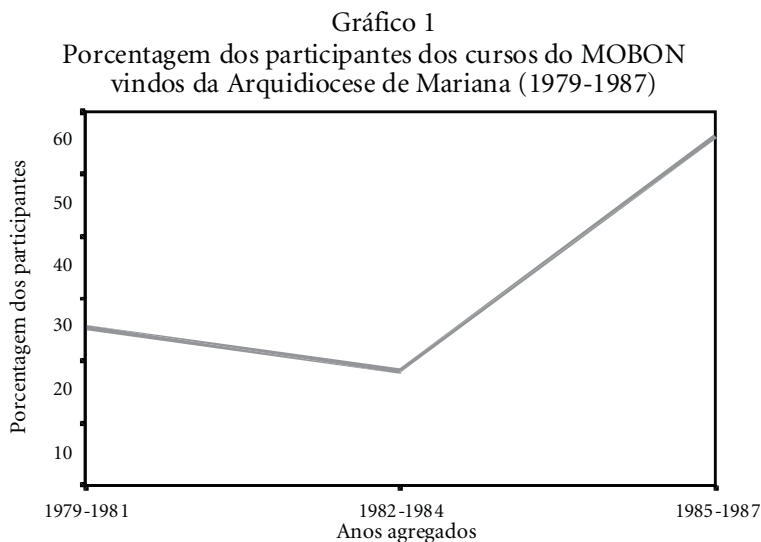
Nesse sentido, o MOBON foi importante fonte de informação e de mobilização para a entrada de idéias progressistas na Arquidiocese de Mariana. Os padres, os leigos e os membros do MOBON se constituíram como importantes estruturas de mobilização capazes de influenciar centenas de pessoas e promover idéias religiosas que recebiam pouco apoio do arcebispado. Se faz importante destacar também que o MOBON foi um Movimento que esteve junto e aliado à mobilização mais ampla de promoção de idéias progressistas internas à Arquidiocese de Mariana, uma vez que a disseminação de idéias não era unicamente do MOBON.

O Padre Daniel, por exemplo, que trabalhava na Região Mariana Pastoral Oeste afirma ter recebido uma formação da Congregação Redentorista, que segundo ele era bem diferentes da formação da Arquidiocese, que era mais conservadora. Assim, acontecia o fato dos próprios padres já terem uma formação mais progressista.

Outra fonte de idéias vinha da Diocese de Caratinga²⁹ através: dos roteiros de discussão para as CEBS, da produção do material utilizado e das pessoas que as incentivavam. Dessa forma, além do MOBON, alguns padres tinham formação e idéias diferenciadas daquela colocada pelo arcebispado e a Diocese de Caratinga também exercia sua influência.

Segundo Carlindo, com a chegada de Dom Luciano a ida ao MOBON continuou não sendo incentivada, mas os motivos não são os mesmos do período de Dom Oscar, que não via com bons olhos as idéias do Movimento. Segundo ele, a idéia era de que a Arquidiocese não trouxesse materiais de fora, mas que tivesse seu próprio material, que deveria ser organizado por padres da própria Arquidiocese.

É interessante perceber que o maior número de pessoas da Arquidiocese de Mariana no MOBON se deu nos últimos anos do período de Dom Oscar no Arcebispado. Não obstante o fato do período de maior presença na casa do MOBON ser um período de mobilização da sociedade brasileira, não conseguimos explicar por aspecto internos à Arquidiocese o motivo disso, mas pretendemos encontrar e entrevistar novamente pessoas engajadas com o Movimento para nos esclarecer sobre o crescimento vertiginoso de pessoas da Arquidiocese de Mariana como ilustra a tabela na página seguinte:



Fonte: Lista dos participantes dos cursos do MOBON

No quadro anterior os dados estão em porcentagem, mas os dados absolutos estão na tabela seguinte e poderão nos ajudar a ter uma percepção melhor da influência do MOBON na Arquidiocese de Mariana:

Tabela 1
Distribuição por ano dos participantes dos cursos do
MOBON vindos da Arquidiocese de Mariana (1979-1987)

Ano	Freqüência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
1979	24	2,9	2,9
1980	139	16,6	19,5
1981	50	6,0	25,5
1982	103	12,3	37,8
1983	37	4,4	42,2
1984	14	1,7	43,9
1985	75	9,0	52,9
1986	152	18,2	71,1
1987	242	28,9	100,0
Total	836	100,0	

Fonte: Livro de presença dos cursos do MOBON

Outra questão interessante também é a origem dessas pessoas. Eram da Arquidiocese, mas de que lugar? Essa pergunta pode ser percebida pela tabela na Tabela 2.

Tabela 2
Localidades da Arquidiocese de Mariana dos participantes dos cursos do MOBON (1979-1987)

Localidades de origem	Frequência	Porcentagem
Pedra Bonita	283	33,9
Visconde do Rio Branco	11	1,3
Guiricema	2	,2
Sericita	115	13,8
Abre Campo	28	3,3
Porto Firme	108	12,9
Granada	60	7,2
Araponga	52	6,2
Canaã	1	,1
Viçosa	42	5,0
Desterro de Entre Rios	5	,6
Presidente Bernardes	1	,1
Mariana	2	,2
Simonesia	101	12,1
Paula Cândido	8	1,0
Raul Soares	7	,8
Ervália	9	1,1
Matipó	1	,1
Total	836	100,0

Fonte: Livro de presença dos cursos do MOBON

Os lugares com maior representação entre os presentes da Arquidiocese de Mariana contavam com padres mais engajados com idéias progressistas, o que mostra que muitas vezes as práticas religiosas fogem aos padrões da Arquidiocese e acabavam ficando mais centradas na relação com o padre responsável por uma determinada paróquia e seus paroquianos. Por exemplo, em Pedra Bonita e Sericita trabalhava o Padre José Roberto que mantinha vínculos com o MOBON, com padres e idéias da Arquidiocese de Mariana.

É interessante também a informação, baseada no depoimento de Carlindo, de que Porto Firme e Viçosa, apesar de não contarem com a presença de padres progressistas, contaram com a presença de leigos engajados com as idéias progressistas e mobilizaram um número relativamente grande de pesso-

as, tendo em vista que trabalhavam com recursos e interesses que não eram compartilhados pelas elites eclesiais.

Por trabalharem sem o apoio das elites eclesiais o trabalho dos atores sociais acabava se vendo prejudicado. Entretanto, o trabalho do MOBON, a presença de padres e leigos interessados na divulgação de idéias progressistas, tanto da Diocese de Caratinga como da Arquidiocese de Mariana, a infraestrutura oferecida pela casa do MOBON, os materiais produzidos pela Diocese de Caratinga e a relação entre os atores interessados na difusão das idéias progressistas, acabaram por consolidar condições propícias para emergência de idéias e práticas religiosas condizentes com a Teologia da Libertação.

A organização das pessoas para a mobilização religiosa se dava muitas vezes de forma informal. Padres convidavam leigos, leigos convidavam outros leigos e até mesmo padres e esse conjunto de pessoas constituía redes de amizade e solidariedade que se constituíam como importantes estruturas de mobilização.

Esse grupo de pessoas, discutindo questões referentes às práticas religiosas e às condições sociais, na casa de cursos do MOBON ou em suas comunidades, embasados em idéias religiosas progressistas, acabaram construindo uma consciência insurgente, ou seja, que era viável buscar novas práticas religiosas. E acabavam se sentindo em grupo com uma identidade coletiva de católicos progressistas engajados na difusão de idéias religiosas numa Arquidiocese, cujo arcebispado até 1988 prezou pelo distanciamento de idéias progressistas.

Considerações Finais

O arcebispado da Arquidiocese de Mariana, sob a direção de Dom Oscar de Oliveira (entre 1959 e 1988), se mostrou pouco receptivo às CEBS durante os anos da Ditadura Militar. Mas nem por isso as CEBS não existiram e não receberam mensagens da Teologia da Libertação. Isso acabou acontecendo devido ao trabalho de padres e leigos interessados numa religiosidade diferente daquela proposta pelo arcebispado.

A proposta religiosa do arcebispado permaneceu até 1988, quando Dom Oscar de Oliveira, arcebispo de postura politicamente conservadora, foi substituído por Dom Luciano Mendes de Almeida. Essa substituição em certa medida mudou os rumos da Instituição que se tornou mais receptiva às CEBS e à Teologia da Libertação, no entanto essas mudanças foram limitadas, pois muitos entrevistados esperavam mudanças maiores. Assim, queremos destacar que há diversos fatores que contribuem para transformações religiosas, o que vai muito além da troca e/ou substituição de um arcebispo, pois este tem poder limitado diante dos interesses da população religiosa que dirige.

Neste sentido, não obstante o engajamento do arcebispado na tentativa de frear a atuação progressista, na década de 1980, o MOBON e a Diocese de Caratinga acabaram tendo influência na Arquidiocese, com o apoio de padres e leigos que se organizaram para receber e difundir mensagens religiosas progressistas. A presença de aproximadamente 800 pessoas oriun-

das da Arquidiocese de Marina na casa de cursos do MOBON foi um fato não esperado no início da pesquisa e demonstrou um certo limite à autoridade do arcebispado, uma vez que leigos e padres puderam construir alternativas às suas práticas religiosas. Dentro dessa perspectiva, o contato com o MOBON foi de grande importância, pois suas idéias religiosas mostraram muita semelhança com idéias da Teologia da Libertação, principalmente no sentido de estimular a participação política e a reflexão crítica da realidade.

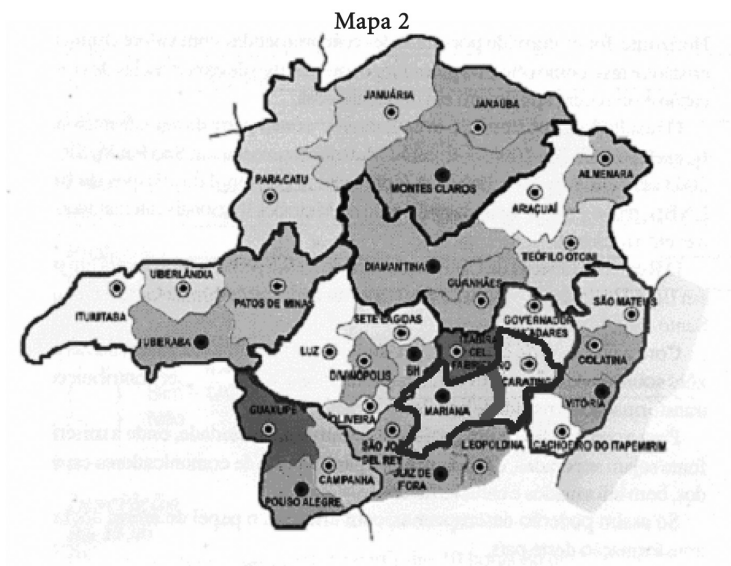
A presença das idéias e grupos de pessoas engajadas com o trabalho do MOBON foi de grande importância na difusão de idéias progressistas pela Arquidiocese. Em 1988, com a chegada de Dom Luciano, esses grupos obtiveram maior espaço e liberdade de atuação, muito embora a presença de idéias e de pessoas do MOBON não tenha sido estimulada. De qualquer forma, a exposição de idéias e práticas políticas que estavam “abafadas” tiveram maior liberdade de atuação com a chegada de Dom Luciano.

Mapa 1



Mapa 1 – Mapa dos Municípios da Arquidiocese de Mariana. Fonte: ARQUIDIOCESE DE MARIANA, 2000: 20.

Divisa entre Arquidiocese de Mariana e Diocese de Caratinga



Mapa 2 – Mapa demonstrativo da proximidade entre a Arquidiocese de Mariana e a Diocese de Caratinga – Minas Gerais – Brasil.

Fonte: Adaptado do site:<http://www.cnbbleste2.org.br/mapa.asp>.

Notas

¹ Professor de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Ouro Preto.

² O conceito e a caracterização das CEBS serão feitos no próximo tópico do artigo. Contudo, a princípio podemos entendê-las como um pequeno grupo de pessoas que se reúnem regularmente para discussão de seus problemas sociais, tendo como pano de fundo e como fonte de inspiração a Bíblia.

³ A Teologia da Libertação pode ser entendida como um campo coerente de idéias religiosas que emergiram no final da década de 1960 na América Latina. Segundo suas idéias, o papel da Igreja é proporcionar a promoção social e a justiça econômica (SMITH, 1991).

⁴ Para aprofundamento no assunto vide (Smith (1991), Mariz (2001), Mainwaring (1989), Prandi; Souza (1996), Petrini (1984), Gaiger (1987), Rothman (1993), Iokoi (1996), Lesbaupin (1999)).

⁵ “O termo católico progressista enfrenta uma certa controvérsia ao se referir aos católicos da Teologia da Libertação e é criticado por vários autores. Porém, apesar de seus limites, constitui um termo consagrado na literatura e permite englobar todos os católicos que optam por uma prática religiosa e um discurso, que podem ser associados à Teologia da Libertação” (MARIZ, 2001: 20).

⁶ Aqui se fez necessária uma adjetivação haja vista a pluralidade de grupos e pensamentos religiosos que se encontram na Igreja Católica e parece se pluralizar ainda mais (MARIZ, 2001).

⁷ No original “Liberation theology has experienced a significant reduction of political opportunity within the Catholic Church, as Rome has sought to undercut the institutional supports of liberation theology. Pope John Paul II has proven to be more conservative than his major predecessors, John XXIII and Paul VI (Novak 1986: 65-74) (...) Since Puebla, there have been a number of actions taken by the Vatican to curtail and, in some cases, to combat the influence of liberation theology in Latin America” (SMITH 1991:222).

⁸ O mapa da Arquidiocese de Mariana encontra-se em anexo na página 23.

⁹ Aqui falamos de “alta elite arquidiocesana” para nos referirmos ao arcebispo bem como pessoas que fizeram parte do grupo dirigente da Arquidiocese. Vimo-nos na necessidade de utilizarmos tal termo pelo fato de que precisávamos diferenciar a elite dirigente da Arquidiocese, de padres que trabalhavam em localidades periféricas que também podem ser considerados como pertencente à elite eclesástica.

¹⁰ Vide mapa da região fronteira entre a Arquidiocese de Mariana e Diocese de Caratinga na página 24.

¹¹ A maioria dos documentos analisados estão localizados no Arquivo Eclesástico da Arquidiocese de Mariana, que possui jornais e uma grande diversidade de documentos que não necessariamente foram publicados por ela. Estes documentos ficam à disposição de pesquisadores e recebe a visita de pessoas de todo o país.

¹² Nossa proposta não obedeceu parâmetros de amostragem probabilística. Buscamos constituir uma amostra intencional, ou seja, constituída de atores sociais de contribuição imprescindível.

¹³ Entendemos por agentes pastorais pessoas que trabalham junto à Igreja Católica, que não necessariamente possuem uma formação eclesástica.

¹⁴ No original : “These Cristian communities are said to mobilize more than 2 million people, for each of them brings togheter between 15 and 25 people debate regularly (weekly or fortnightly) the problems of their daily lives in the light of the Bible.”

¹⁵ Além do Concílio visar aprofundar na questão que se refere à relação do fiel com as questões mundanas,” a preocupação da Igreja é a de melhorar e fortalecer a sua relação com os leigos, permitindo-lhes inclusive um determinado grau de autonomia e delegação de funções”(ALMEIDA, 2000:86)

¹⁶ No texto original: “encouraged people to enter into dialogue with “the world”. Viewed optimistically from Europe, that world seemed to be one of rapid technological and social change. A Third World angle of vision, however, revealed a world of vast poverty and opression that seemed to call for revolution”.

¹⁷ Sobre este assunto ver Petrini (1984), Gaiger (1987), Rothman (1993), Iokoi (1996), Lesbaupin (1999).

¹⁸ Nome fictício, assim como o nome de todos os atores que serão citados no artigo. Esse fato se deve ao fato de que muitos deles são conhecidos e era preciso assegurar-lhes o anonimato para evitarem qualquer constrangimento com a Instituição e com a população em geral. O Padre Daniel é considerado um dos grandes intelectuais da Arquidiocese de Mariana, tem boas relações com grupos progressistas e exerce grande influência junto ao arcebispado.

¹⁹ O Sr. Hécio é uma importante liderança leiga da Arquidiocese de Mariana.

²⁰ O Sr. Édson vive na cidade de Mariana desde o início da década de 1950, sempre foi católico praticante e é uma importante liderança leiga.

²¹ O Padre José Miguel (nome verdadeiro), foi um dos primeiros padres a formar CEBS na Arquidiocese de Mariana e é considerado uma referencia para tratar do assunto.

²² Arcebispo de Mariana entre 1960 e 1988. Este era considerado um dos grandes representantes do grupo de bispos conservadores brasileiros.

²³ Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida foi bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo/ Região Belém entre 1976 e 1988. Foi secretário geral da CNBB entre 1979 e 1987, ano em que foi eleito presidente da CNBB por dois mandatos consecutivos.

²⁴ “Os progressistas promovem atividades para reformas sociais, políticas e econômicas no caminho da democracia e modernização econômica para melhorar o bem-estar da população latino-americana e se engajam em críticas sociais” (SMITH 1991: 51).

²⁵ Evidentemente negativas segundo a visão da elite eclesiástica da Arquidiocese de Mariana.

²⁶ O Padre Arnaldo é uma das principais lideranças dos movimentos populares da Arquidiocese de Mariana e se destaca como uma importante liderança leiga militante em prol de idéias religiosas e práticas progressista.

²⁷ A plenária era o momento em que se juntavam todos os pequenos grupos que discutiam o mesmo tema e eram colocados num grande grupo onde todos deveriam falar e participar da discussão

²⁸ Entre 1979 e 1987 o nome do Carlindo (nome verdadeiro) foi o mais freqüente como visitante do MOBON. Neste período Carlindo visitou a casa de curso do MOBON 18 vezes e se consolidou como uma importante liderança leiga da Zona da Mata Mineira.

²⁹ No Mapa, no anexo II, destacamos a divisa entre a Arquidiocese de Mariana e a Diocese de Caratinga.

Bibliografia

ALMEIDA, Ivan Antônio de. **A síntese de uma tragédia: Movimento Fé e Política**. Ouro Preto: Editora Ufop, 2000.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**. 8ª edição. Petrópolis. Editora Vozes, 2001.

GAIGER, Luiz Inácio Germany. **Agentes Religiosos e Camponeses Sem Terra no Sul do Brasil**. Petrópolis Vozes, 1987.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. **Igreja e Camponeses: Teologia da Libertação e Movimentos Sociais no Campo, Brasil e Peru, 1964-1986**. Editora Hucitec. São Paulo (SP), 1996.

KRISCHKE, Paulo e Scott, MAINWARING. **Igreja nas Bases em tempo de transição (1974-85)**. Porto Alegre: L & PM, 1986.

LESBAUPIN, Ivo. **Comunidades de base e mudança social**. UFRJ, 1999.

LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo. Cortez, autores associados, 1995.

MAINWARING, Scott. **A Igreja e a Política no Brasil (1916-1985)**. A Igreja e a Política no Brasil. Tradução: Heloísa Braz de Oliveira Prieto. Editora Brasiliense, 1989.

MARIZ, Cecília Loreto. **Católicos da Libertação, Católicos Renovados e Neopentecostais**. Cadernos CERIS nº2, outubro, 2001.

MONTEIRO, Paula (1999). Religiões e dilemas da Sociedade Brasileira. In: MICELI, Sérgio. **O que ler nas Ciências Sociais Brasileiras (1970 – 1998)**. Antropologia 1. São Paulo: Sumaré/Brasília: ANPOCS.

NOVAES, Regina. Crenças religiosas e convicções políticas: crenças e passagens, In: **Política e Cultura, século XXI**. Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002.

PETRINI, João Carlos. **CEBS: um novo sujeito popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PRANDI, Reginaldo e SOUZA, André Ricardo de. A Carismática Despolitização da Igreja Católica in: PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. **A Realidade das Religiões no Brasil: Religião, sociedade e política**. São Paulo. Ed. Hucitec, 1996.

ROTHMAN, Franklin Daniel. **Political process and peasant opposition to large hydroelectric dams: The case of rio Uruguai Movement in Southern Brazil, 1979 to 1992**. Tese (Doutorado em sociologia). Univesity of Winsconsin – Madison, 1993.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. São Paulo. Edições Loyola, 1996.

SOARES, Taise Carolina Linhares. **Comunidades Eclesiais de Base: Considerações sobre o caso de Mariana**. Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História, UFOP, 2003.

SMITH, Christian. **The emergence of Liberation Theology: Radical religion and Social Movement Theory**. The University of Chicago Press, Chicago and London, 1991.

